

Interativos Transmissões

DOSSIÊ 1:
MITO E LITERATURA

DOSSIÊ 1: MITO E LITERATURA

Apresentação

O grande pensador Joseph Campbell disse, no seu livro *As transformações do mito através do tempo*, que o material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo e do nosso meio ambiente. A edição da Revista Travessias Interativas de 2020/01, com o seu dossiê acerca do Mito e da Literatura, traz grandes contribuições para lidarmos com temas cada vez mais prementes numa época de insensatez e insensibilidade.

As simbologias míticas e literárias aqui analisadas são representações simbólicas para repensarmos o momento, enfrentarmos as sombras da atualidade e enriquecermos nossas interpretações do mundo.

O dossiê apresenta textos como **MARLOWE, GOETHE, ŠVANKMAJER: TRÊS FACES DO MITO DE FAUSTO E SUA RELAÇÃO COM A MODERNIDADE**, para refletirmos acerca da construção do individualismo moderno e das transformações da sociedade capitalista no início do século XIX.

O artigo **MITO E FICÇÃO DO ARQUIVO NA NARRATIVA HISPANO-AMERICANA: UM RECURSO AOS PASSOS PERDIDOS DE CARPENTIER**, nos remete ao universo da literatura latino-americana, à relação de Carpentier com o mito através de um instigante escopo teórico que inclui o já citado Campbell, Eliade, além de Michel Foucault e outros importantes pensadores.

A relação entre mito e teoria literária é fundamental, como nos apresenta o artigo **MITODOLOGIA, MITOPOESIA E SUA CONTRIBUIÇÃO COM A TEORIA LITERÁRIA**. Também se considerarmos, por exemplo, a jornada do herói na construção do herói moderno, conforme a clássica interpretação do herói de mil faces, como no caso do artigo **NADA SEM HÉRCULES: OS MODELOS DE HÉRCULES EM APOLÔNIO DE RODES, VALÉRIO FLACO, VIRGÍLIO E LUCANO**, também na intersecção entre o mito de Narciso e a autoficção (vide **MITO E AUTOFICÇÃO: A DEFESA DE NARCISO**) ou, ainda, se pensarmos em como o mito pode estruturar e impulsionar a narrativa, como é analisada no texto **CAMINHOS DO MITO DE BEN-ZAITEN NO TEATRO JAPONÊS**.

O mito como estrutura universal está presente ao longo dos séculos em diferentes culturas, como nos mostra **O PRIMEIRO RASTRO DA FILHA DE ÉDIPO NA DRAMATURGIA BRASILEIRA: A ANTÍGONA (1916)**, DE CARLOS MAUL, reescrita mitológica que foi encenada em 1916 no Theatro da Natureza, construído na Praça da República, na então capital do Brasil, Rio de Janeiro.

E se falamos em universalidade de uma estrutura mítica, em novos significados destas simbologias na literatura, em novas compreensões da formação humana, também podemos refletir no silêncio, no silêncio poético como expressão mítica, como no artigo **O SILÊNCIO PRIMORDIAL COMO EXPRESSÃO MÍTICA EM TEIXEIRA DE PASCOAES**.

Numa interessante abordagem sobre a ressignificação possível através do cinema da obra literária temos o artigo **A TRADUÇÃO SEMIÓTICA EM “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES”**: PAIXÃO NA LITERATURA E NO CINEMA, que nos remete à discussão de Eros em Platão e também da paixão em Nietzsche. Já no artigo **O MITO DE DIDO E ENÉAS EM VIRGÍLIO, OVÍDIO E MARLOWE** temos uma análise de como o mito do amor trágico da rainha Dido e do herói Eneias é apresentado em três obras diferentes.

Outro tema que coloca a modernidade em relação ao mito nos coloca diante da questão das nossas memórias. Os artigos **EMARANHADO DE SENTIDOS E MITOS NAS MEMÓRIAS DE CHATEAUBRIAND A** e **CRIATURA DE MARY SHELLEY COMO ALUSÃO ÀS INFLUÊNCIAS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA**, apresentam o trabalho do escritor ao refazer a teia de significados entre o passado e o presente com todas as suas possibilidades de interpretar o presente.

Agradecemos aos autores que participam desta edição, além dos pareceristas internos e externos. Desejamos aos nossos leitores uma proveitosa aventura por travessias míticas!

Prof. Dr. Matheus Marques Nunes (UNIP)
Profa. Dra. Ana Maria Leal Cardoso (UFS)